

ENTREVISTA COM O PROFESSOR

CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO* **

CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO - nasceu em 1927 em Teresina. Licenciou-se em Geografia e História na antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro em 1950. Após dois anos de estudos complementares como bolsista na França sob a orientação de Francis Ruellan (53-54), iniciou-se no magistério universitário na antiga Faculdade Catarinense de Filosofia (55-59). Simultaneamente prestou assessoria técnica ao Departamento Estadual de Geografia e Cartografia de Florianópolis. Lecionou ainda em Rio Claro e Brasília e após seu doutoramento na USP, em 1967, ingressou nesta universidade onde prosseguiu sua carreira acadêmica até a aposentadoria em 1987. Foi membro ativo da UGI e colaborou com inúmeros programas de pós-graduação.

0. Fale sobre sua infância: cidade, família, ambiente cultural.

Nasci em Teresina - a primeira capital brasileira erguida para tal fim. Pensa-se, erroneamente em Belo Horizonte quando a capital mineira foi, em verdade a terceira, seguindo-se à Teresina e Aracaju.

Em 1852, batizada em honra a Imperatriz D. Thereza Christina, levava-se ao eixo do rio Parnaíba, na chapada do Corisco, a sede da província, pois que a velha capital - Oeiras - representava um "ciclo" econômico anterior e decadente, assentado nas grandes fazendas de gado principiadas pela Casa da Torre da Bahia e acrescida do desbravamento paulista de Domingos Jorge Velho, o destruidor de Palmares.

Pelas vertentes maternas, dos troncos Gonçalves Dias e Area Leão, venho de antigas famílias ligadas ao criatório, e já sofrendo a decadência daquela atividade. Na nova capital encontraram-se os primeiros, vindos do Campo Maior, ao Norte, com os segundos, de Valença ao Sul. Se minha avó paterna - Sergia Mendes - filha do lendário João Paulo de Area Leão, ainda frui

*Perguntas formuladas pelos professores Armen Mamigonian, Leda Orselli, Maria Dolores Buss, Neide Oliveira de Almeida, Arlene M.M. Prates.

**Entrevistas originalmente publicadas nas Revistas Geosul nº 4, Ano II - Segundo Semestre de 1987 e nº 9, Ano V, Primeiro Semestre de 1990.

ra de algumas fazendas - tanto do lado paterno quanto do seu primeiro casamento com um fazendeiro do Vale do Longã - minha avó materna - Julia Gonçalves Dias - já se casara pobre, filha do honrado e empobrecido Cel. Ludgero Gonçalves Dias, aposentado de função pública. Coincidentemente as vertentes masculinas, se organizaram de famílias mais modestas, que exatamente por isso procuraram na vida militar o seu modo de ascensão. Gerson Edson de Figueiredo - Major Fiscal do Corpo Militar de Polícia - como pomposamente registra um cartão de visita - foi assassinado aos trinta e dois anos, por razões políticas, no governo do Dr. Miguel Rosa, de quem era amigo e compadre. A vida militar que o levou a circular pelo estado, inclusive como delegado na Parnaíba, fora apenas um "meio" para um temperamento sensível, amante da poesia e da música, um tanto idealista chegando a ser um dos fundadores do Centro Operário de Teresina. O outro Major - Santidão da Silva Monteiro - igualmente do Corpo Militar da Polícia estadual, dera vazão na caserna a um temperamento prático e inventivo, amigo da mecânica, técnico em eletricidade, construtor de estradas pelos Seretões. Os últimos recursos das fazendas de D. Sergia deram ensejo a grandes fantasias e propiciaram aos filhos varões o progresso das máquinas para uma vida aventureira, fazendo barulho pelas ruas de Teresina com suas posantes motocicletas alemãs. Meu pai - Raimundo, o "Mundico", o seu favorito, foi mandado para a Alemanha com a finalidade de, em Hamburgo, estudar na Escola de Mecânica de Siemens. Mais fofoso do que estudioso, a fase européia de meu pai foi gasta mais em St. Pauli e nos cabarês da Berlim do início dos anos vinte, até que meu avô, cortando-lhe a mesada, trouxe-o de volta, via Rio de Janeiro, ao Piauí.

Em 1925, quando os "revoltosos" da Coluna Prestes estavam às portas da cidade, cuja defesa estava entregue ao Major Jacob Garjozo meus pais casavam-se apressadamente, retirando o juiz de paz já do automóvel em fuga da cidade. Naquele tumulto casava-se a primogenita do Major Gerson, com o terceiro filho do Major Santidão. Na emergência da fuga da cidade para uma fazenda no Alto Longã de propriedade de uma irmã do noivo e

ante a iminência de colocar sua filha em uma fazenda da família do namorado, D. Julia exigira o casamento, mesmo a despeito da necessária fuga da cidade em perigo de guerra.

Em 23 de março de 1927 nascia eu na rua da Glória (hoje Cel. Lisandro Nogueira) em Teresina na casa de minha avó materna. Enfrentei todas as vantagens e desvantagens de uma primogenitura de ambas as famílias. Mimado e superprotegido, condição essa que muito me marcaria.

Charles Lindenberg foi um dos meus primeiros heróis e, embora xará, o meu nome não se deveu a ele. Foi, antes, o herói de um dramalhão do fim do século intitulado "O Casamento e a Mortalha". Guardo, fotograficamente, lembranças de minha infância, desde os anos mais tenros. Minha adolescência teve por pano de fundo a ditadura Vargas e a Segunda Guerra Mundial. Rádio Nacional e BBC de Londres (ouvida magnificamente no Nordeste) nos mantinham em contato com o mundo. A vida na capital do mais pobre estado da Federação era muito calma e de certo modo marginal. Entre São Luiz (a Atenas Brasileira) e Fortaleza onde iam estudar os filhos das famílias mais abastadas (os ricos mesmo iam para o Rio) a minha terra era uma cidade pequena, que apenas ostentava o status de capital. Naquela época, pelo menos, havia uma boa escola pública, o tradicional Liceu Piauiense - "equiparado ao D. Pedro II do Rio de Janeiro" - e já havia a Faculdade de Direito, com um corpo docente "da casa", oriundo da velha escola do Recife. Os médicos, em geral, tinham sua formação na Bahia ou Rio de Janeiro. Os transportes eram precários e com os torpedamentos havidos na guerra, viajava-se para o Sul pelo Vale do São Francisco. No trajeto, os estudantes de minha geração vieram a descobrir Belo Horizonte que passaria a ser um Shangri-lá para muitas famílias piauienses.

Pelo tetro 4 de Setembro mambembavam, raramente, companhias vindas do Sul. Havia, nos anos 40 algumas poucas companhias teatrais que, de tanto aderir ao circuito Nordestino, acabaram por se "nordestinizar". É um traço interessante que precisa ser "estudado". O Diário Oficial do Estado também era "no-

ticioso" e era, nos anos trinta e quarenta, o maior veículo de informação escrita, controlado pelo DIP da ditadura. Mas a vida cultural estava centrada na escola. Desde as inocentes "representações" de escola primária, mas principalmente veiculadas pelo Liceu e pela Escola Normal. Aliás o Colégio das Freiras (também Normal) era um centro de ensino e divulgação musical, acanhado, naturalmente, mas preenchendo uma importante função.

Minha mãe e tias eram professoras e, naquele então, lembrome que embora com muita dificuldade no orçamento, assinavam revistas pedagógicas, em geral de São Paulo. Era uma modesta mas bem intencionada maneira de atualizar os seus conhecimentos. Já bastante maltratada, naqueles tempos, a classe fazia questão de enfrentar o lado "sacerdôcio" do ensino público. Havia na cidade grandes professoras primárias que se desdobravam tanto nas aulas da escola pública quanto na preparação (particular) para os exames de admissão ao Liceu e ginásios particulares.

Curtia-se literatura especialmente os romancistas do Nordeste ao mesmo tempo que o Sul de Érico Veríssimo nos fascinava como um mundo exótico dentro do próprio Brasil. A literatura estrangeira, fora os clássicos, vinha a reboque do cinema, notadamente a americana. Aliás Hollywood marcava nossa vida embora a gente não se desse conta. Hoje, quando lemos o argentino Puig percebemos o quanto isso nos marcou, a todos, na América Latina.

1. Como na sua infância se manifestou o interesse pela Geografia?

Por um princípio fascinante, na escola primária - a Escola Modelo Arthur Pedreira - onde minha professora Adelaide Fontenelle nos introduzia "ao mundo" com grande propriedade. Sem nenhum ônus para seus alunos, ela nos recebia tardes inteiras em sua casa (em detrimento de suas aulas particulares de matemática para ginasianos) para realizarmos tarefas de mapeamento que seriam impossíveis de realizar em classe.

Acrescente-se a isto a noção imbutida no nordestino (inconsciente coletivo) de que, em grande parte, a possibilidade de "ser alguém" ou "vencer na vida" fatalmente viria exigir o nosso "exílio". Coincidência ou não, a maioria dos meus professores de Geografia e História no secundário foram muito bons e sempre gostei muito destas matérias. E sempre procurei ler muito mais do que seria necessário para dar uma simples conta do recado. O Professor Anísio Brito, amigo do meu pai, Secretário da Educação por muitos anos, dava-me livros de História e franqueava-me sua biblioteca. A aprendizagem das ciências, era mais difícil e árdua, sem laboratórios ou bibliotecas satisfatórias.

Talvez ainda um pouco de "vagabundagem", devaneio ou desejo de evasão que sempre me induziu a uma grande curiosidade pelo desconhecido e o desejo de conhecer o mundo.

Como todo garoto de minha geração estudava-se nos livros de Aroldo de Azevedo. Mas a minha curiosidade levava-me a ler "os outros" - Veiga Cabral, Afonso Várzea ... até descobrir Delgado de Carvalho, não muito popular, mas que me fascinou. Além de ser o primeiro personagem em quem vi acrescentar-se o designativo de "geógrafo". Embora, no momento aquilo não me tivesse sido um "apelo" ou chamamento decisivo. Nem me ocorreria que eu viria a ser seu aluno na Universidade do Brasil, embora em História Contemporânea.

2. Como se deu sua escolha pelo Curso de Geografia?

Em abril de 1945 vim para o Rio de Janeiro cumprir o meu destino de tentar, pelo menos, "ser alguém". Neste ano e no seguinte tive que trabalhar para me manter e não pude pretender ingressar na Universidade. Aos 18 anos, vi o mar e o universo urbano, desconhecidos para mim e ultrapassando o que deles imaginara.

No final de 1946, um tanto desorientado sem saber o que estudar e aterrorizado por não poder fazê-lo, o "acaso" colocou em caminho a Professora LETICIA QUEIROZ SANTOS (poste-

riormente FARIA pelo casamento), aluna do famoso MYRA Y LOPEZ em visita ao Rio e formando, em cursos intensivos, os nossos primeiros orientadores educacionais. Eu não sei que tipo de "cobala" devo ter sido para a professora Letícia, que me aplicou todos os tipos de testes e questionários possíveis, para a feitura do seu trabalho de formação acadêmica, mas o "aconselhamento" que ela me deu marcou decisivamente minha vida.

A entrada na Geografia foi outro "acaso". O direcionamento era para a História, como veículo a um relacionamento com a história ou crítica da Arte, setor com o qual a psicóloga encontrara maior predisposição de minha parte. O que era verdadeiro naquele então, quando eu me encontrava em estado de exaltação pela descoberta dos museus, concertos, teatros, etc no Rio.

Entrei para a História, associada à Geografia naquela época, e ao final do primeiro ano fui atraído para a Geografia. Esta captação teve como intermediário o professor Francis Ruellan, ainda lecionando na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, onde ingressei em 1947.

Em julho/agosto daquele ano, Ruellan chefiara uma das equipes de pesquisa enviadas ao Planalto Central para promover estudos sobre a localização da futura capital do Brasil. Assim, recém entrado na Universidade tive um batismo de fogo de dois meses de trabalho intensivo de campo, trabalhando em equipe de Geógrafos do IBGE complementada por estudantes, num trabalho de cerca de 12 horas por dia, feitura de relatórios, discussão, etc.

De volta ao Rio perdera o meu emprego do qual saíra em férias e ultrapassara de mais de um mês. Estando o Conselho Nacional de Geografia do IBGE mudando de instalações a sua Divisão de Geografia (do Edifício do Hotel Serrador para o vizinho Edifício Astória, na Cinelândia) e ampliando os seus quadros, outra oportunidade surgiu. Graças a uma sugestão de Dora do Amarante Romariz, com quem havia trabalhado naquele estudo do Planalto Central, ao Dr. Fabio Macedo Soares Guimarães, meu nome foi incluído na relação dos "auxiliares de

geógrafo" que, baseado naquele treinamento (em parte) e aproveitando recém licenciandos em Geografia, passaram a aumentar o quadro de geógrafos do IBGE.

A partir daí passei a ter o privilégio de trabalhar em Geografia e poder fazer o meu curso com o benefício de horário especial. Assim, em 1947 comecei a estudar e em 1948 passei a trabalhar "Geografia".

3. Fale sobre os primeiros contactos com a ciência geográfica: sua formação acadêmica

A partir de um alentado trabalho de campo, antecipando o fazer face aos fatos antes de os estudar e analisar conceitual e teoricamente no gabinete foi uma oportunidade fundamental, seguindo-se a isto o privilégio de poder estudar e trabalhar o meu objeto de estudo simultaneamente.

Assim, com esta fusão, os trabalhos escolares e os "profissionais" passaram a coexistir. Alguns amigos admiram-se que eu houvesse publicado artigos em 1951 quase ao mesmo tempo de minha licenciatura (1950). É preciso dizer que meu primeiro artigo, publicado na Revista Brasileira de Geografia, do IBGE naquele ano, havia sido concluído em 1949 como trabalho "profissional" da Seção Regional Centro-Oeste da Divisão de Geografia, quando eu era ainda aluno do terceiro ano.

O "Notas para o Estudo do Clima do Centro Oeste Brasileiro" resultou da tarefa que me foi designada pelo Geógrafo Chefe daquela Divisão Regional - José Veríssimo da Costa Pereira - como complemento aos estudos de campo realizado por equipe de geógrafos por ele dirigida àquela região, tendo como assessor técnico o Geógrafo Americano CLARENCE JONES.

Em vez de lamentar, sendo graças ao fato de ter feito o antigo curso de Geografia e História, no qual estava contida também a mesma dose de Antropologia destinada ao Curso de Ciências Sociais. A provável restrição do espaço ocupado pela Geografia foi compensada por uma melhor articulação com a ba-

se humanística, o que foi, pelo menos para mim, uma grande vantagem.

Além de Francis Ruellan com o qual tive maior contato um dos professores de maior peso na minha formação foi Hilgard O'Reilly Sternberg pela sua habilidade em integrar o natural e o social tornando a análise geográfica um fato palpitante.

4. Sobre sua formação profissional no C.N.G.: pessoas, experiências, influência?

A oportunidade de experiência que me foi proporcionada pelo C.N.G. foi decisiva na minha formação. Sobretudo, como já apontei atrás, pela possibilidade de me propiciar uma aplicação prática durante minha formação universitária, além de ter viabilizado a própria realização dos meus estudos. Senão impossível, teria sido muito mais difícil e penoso, o ter cursado a universidade em outro tipo de emprego.

Naquele tempo (final dos quarenta início dos anos cinquenta) de institucionalização da pesquisa geográfica no IBGE e de aliciamento profissional na Associação dos Geógrafos Brasileiros, havia um grande entusiasmo pela ciência geográfica e em torno dela aglutinara-se muitas personalidades notáveis. Pela minha idade e estágio de formação profissional dentre os colegas geógrafos formaram-se grandes amigos que vem atravessando o tempo. Dora Romariz tem sido, desde então, a constante amizade.

Tive o privilégio de iniciar o meu trabalho profissional sob a chefia de LYSIA BERNARDES. Desde aqueles inícios e através dos tempos tenho mantido uma admiração sincera pela sua inteligência, brilhantismo, eficiência; que a fizeram a geógrafa respeitada que é. Dela tenho merecido uma atenção e um carinho que sempre me lisongiarão. Dela emana para mim a idéia que me fiz de um geógrafo profissionalmente atuante e eficiente.

Um apoio fundamental, estímulo e incentivos quase paternos mereci de José Veríssimo da Costa Pereira. No CNG ou em

sua casa, na amizade de sua família, recebi em conversas informais verdadeiras aulas e das mais eficientes para minha formação geográfica. Além da franquia de uma das bibliotecas geográficas mais ricas em obras fundamentais as quais me eram comentadas e sugeridas para análise. Interrompida pela sua morte (aos 50 anos de idade) a prática daquela amizade iluminadora foi de um valor inestimável. Dele me ficou a certeza do valor do estudo e da erudição.

Embora de duração curtíssima, apenas na qualidade de simples acompanhante do colega Walter Alberto Egler numa excursão à zona colonial antiga do Espírito Santo foi muito importante para mim o contato com LEO WAIBEL. Temido por muitos pelo seu proverbial mau humor, o grande mestre alemão, em sua penúltima viagem ao Brasil; além de me haver pessoalmente escolhido para acompanhar aquela excursão (1949), um ainda estudante, foi especialmente gentil dedicando-me muitas valiosas explicações e comentários durante aquela inesquecível viagem. Completando a idéia sobre geografia francesa através do meu longo contacto com Ruellan, esta brevíssima experiência com Waibel valeu muito para me revelar muitas das virtudes da geografia alemã que, a partir daí, procurei penetrar.

5. Fale de sua experiência na condição de bolsista na França: estágios, cursos, excursões, viagens.

No ano seguinte à minha formatura - 1950 (licenciatura), obtive uma bolsa de estudos para a França. Tratava-se, naquela época, de uma rotina no CNG. No pós-guerra imediato os serviços culturais da França se empenharam muito em receber bolsistas do terceiro mundo, como uma compensação ou retomada de influência interrompida com a guerra. O adido cultural no Rio de Janeiro, era uma cientista, da área de astronomia, Mme Gabrielle Mineur que teve um desempenho muito proveitoso no campo científico, sobretudo porque sempre se havia feito ênfase em relação as artes.

A cada ano iam cerca de dois bolsistas no CNG para a França. Em novembro de 1951 eu era o único do CNG, fazendo par com outro geógrafo de São Paulo, a Professora Wanda Silveira (Navarra).

Minhas pretensões foram bem realistas. Tomei aquela oportunidade menos como uma pós-graduação para a busca de um título e mais como uma complementação da formação aqui recebida. A junção com a História limitava o currículo em relação ao lado "natural" da Geografia. Não havia "Geologia" e tão pouco Cartografia. Isto gerou um certo mal estar com o meu orientador Ruellan, mentor da bolsa, que pretendia que eu me consagrasse após alguns estágios a uma concentração numa pesquisa de campo com vistas a um - Diplome na Ecole Pratique des Hautes Études de Paris (EPHE).

Passsei o primeiro ano no Instituto de Geografia de Sorbonne, onde assisti cursos selecionados: Cholley, Pierre George, Dresh. Trabalhava como estagiário no Laboratório de Geomorfologia dirigido por Ruellan na EPHE. No verão de 1952 fiz um estágio no Laboratório de Sedimentologia da Ecole Supérieure d'Agriculture de l'Université de Rennes, na Bretanha e um trabalho de Campo no estuário da Rance, sob a orientação de LEOPOLD BERTHOIS.

No segundo ano, em vez de aprofundar a pesquisa de campo na Bretanha preferi dedicar-me na Faculté de Sciences de Sorbonne a obter um "certificado" (de estudo superior) em Geografia Física e Geologia Dinâmica. Isto me possibilitou o acesso a ensinamentos em Geologia, Climatologia, Oceanografia e Mineralogia. Tive acesso a mostruários de rochas, microscópios, aparelhos meteorológicos além de estagiar na estação oceanográfica de La Rochelle (período de páscoa) e uma proveitosa excursão à PROVENÇA, dirigida pelo famoso geólogo LECN LÜTAUD em seu último ano de ensino na Sorbonne. Prestei exames escritos, práticos e orais e fiquei entre os poucos aprovados de um grande número de candidatos.

Além de complementar a minha formação no que ela tinha tido de lacunar ou deficiente, tive ocasião de "medir forças"

em pé de igualdade com candidatos franceses, malgrado estar utilizando outra língua e outro sistema universitário. Não me arrependi. Serviu também para uma avaliação pessoal de minha capacidade disputando um certificado (um dos 4 necessários à licenciatura) em igualdade de condições com os próprios franceses. Preferi isso a obter um título mediante uma avaliação ou julgamento individual sobre o qual eu desconfiava de uma certa dose de "indulgência" como estratégia política para com os estudantes dos "tristes tropiques" ou "ces fauvres pays de la bas".

O período de exames foi de forte concentração nos estudos, felizmente recompensado. No mais havia também que aproveitar as outras oportunidades culturais disponíveis à sociedade em Paris e pela França. Infelizmente não me foi possível viajar muito pela Europa. Nos períodos de férias dirigia-me a Londres, tendo viajado um pouco pela Grã-Bretanha.

Eu teria que esperar quinze anos (1968) para regressar a França. A partir daí, os tempos já eram outros e as "economias" do professor me permitiram sanar aquilo que fora a frustração do "bolista".

6. E sobre sua vinda à Florianópolis: em que circunstâncias se deu?

De volta da França, no início de 1953 iria encontrar o CNG atravessando uma fase má do ponto de vista da pesquisa. Naquele período de grande crise política que precedeu o Governo Kubitschek, foi realmente um período muito estagnado para a Geofia do IBGE.

Em 1955 estava eu decidido a deixar o CNG. Já estava fazendo entrevistas até em companhias particulares. A Moore MacCormack de Navegação Marítima foi uma delas. Neste exato momento minha colega e grande amiga Maria Conceição Vicente de Carvalho, voltando de uma reunião de Geografia em Porto Alegre, sugeriu que eu contactasse o Professor João Dias da Silveira que estava montando

um departamento de Geografia na recém fundada Faculdade Catarinense de Filosofia. O governo de São Paulo (período Lucas Nogueira Garcês) o puzera a disposição para organizar aquele Departamento em Santa Catarina. Com a entrada de Jânio Quadros este estava a exigir a volta de todos os comissionados à disposição de outros órgãos. Com sua volta fazia-se necessário alguém que o substituisse na cadeira de Geografia Física. Por volta de agosto, tomei um avião para Florianópolis e numa entrevista demorada e visita as instalações e apresentação ao Professor Henrique da Silva Fontes, ficou acertada a minha contratação. Era necessário que eu viesse ainda naquele ano para, junto com Silveira, no final de sua estada, pudesse tomar pé na situação.

De volta ao Rio comuniquei a Nilo Bernardes, então chefe da Divisão de Geografia, a minha decisão de pedir exoneração do CNG e o meu propósito de trabalhar em Santa Catarina. Disse-me ele não ser necessário, posto que, em Santa Catarina havia um eficiente e produtivo Diretório Estadual de Geografia, vinculado ao Departamento Estadual de Geografia e Estatística. Sugeriu ele que, se eu pudesse ficar prestando serviço ao DEGC o IBGE me colocaria a disposição daquele órgão e com isto eu não interromperia minha carreira já de oito anos no IBGE. A mesma situação ocorrera com a colega Eugenia Egler, para que ela acompanhasse o marido Walter Egler naquela época dirigindo o Museu Goeldi, em Belém do Pará. Ela também estava à disposição do Diretório Estadual do Pará.

Carlos Buchele Júnior então diretor do DEGC aprovou entusiasmado a idéia e propos-me, de início, que eu orientasse a elaboração de uma nova edição do Atlas Geográfico de Santa Catarina, do qual fora já editada uma edição preliminar.

Em outubro de 1955 mudei-me para Florianópolis e passei a trabalhar nas duas instituições. De manhã no DEGC e a tarde e a noite na Faculdade de Filosofia, cujas aulas eram ministradas no período noturno.

7. Como foi o início das atividades na antiga Faculdade Catarinense de Filosofia?

João Dias da Silveira já havia dado ao Departamento uma estrutura operacional básica a qual cumpria dar continuidade. E, num esforço de verdadeiro milagre da multiplicação dos pães o Professor Fontes conseguia prover recursos para o andamento dos trabalhos.

Os alunos eram muito interessados e simpáticos; os colegas de outros Departamentos eram solidários e cooperativos, o que tornava o trabalho menos difícil. O grande problema inicial era o da contratação dos professores necessários. As cadeiras de Geografia Física - principiada com Silveira e agora comigo - e Geografia Humana com a Professora Ingeborg Heer - precisava juntar-se as outras. Tive o prazer de ir recebendo os colegas que chegavam, a pouco e pouco, de São Paulo (em maioria) e do Rio. Francisco Takeda para Geologia foi o primeiro desta série a qual se juntaria Paulo Lago, do Rio, para a Geografia do Brasil. Maria Cecília França sucedeu Ingeborg Heer e foi sucedida por Armen Mamigonian em Geografia Humana. Nesses interregnos eu me via atribulado em substituições acumuladas. Lembro-me que entre a saída de Cecília e chegada de Armen eu cuidava de três disciplinas pois além da minha, preenchia eventualmente a vaga daquelas de Geografia Humana e Cartografia.

Como docente universitário principiante tinha que dispende um grande esforço de estudo, preparação de aulas e trabalhos práticos, além das necessárias excursões que, felizmente, conseguíamos realizar, contando para isso com a valiosa colaboração do DEGC.

Além disso envolvi-me fatalmente com a correspondente carga administrativa. Além de responsável pela chefia do Departamento de Geografia, era membro da Congregação e do Conselho Técnico Administrativo da Faculdade. Deste modo meu batismo na vida universitária veio acompanhado de toda a carga: "cátedra", chefia de Departamento, Congregação, CTA, etc, etc. Esta experiência inicial foi fabulosamente proveitosa

posto que me "vacinou" contra as futuras veleidades ou ilusões sobre o "poder", uma das obsessões individuais que hoje tanto sacrificam a vida universitária. Passada a etapa aqui realizada, vi-me fatalmente envolvido em direções mas sempre fazendo um grande esforço para livrar-me delas. Não tenho a menor vocação administrativa. Quando me envolvo nela, é com grande dissabor. Docência e pesquisa são o que realmente me importa, mas infelizmente elas têm que se vincular sempre no ritmo burocrático.

Na Faculdade Catarinense de Filosofia toda a corvêia administrativa foi extremamente facilitada face ao privilégio de ter trabalhado sob a direção magistral do Professor Fontes. Sem ele não poderia eu ter conseguido realizar nada daquilo que pudemos todos nós realizar naquela Faculdade.

A duplicidade do trabalho na Faculdade e no DEGC se de um lado representava sobrecarga e exigia maiores esforços, foi por outro bem compensada. Com o apoio da Direção - tanto do DEGC como da Faculdade - conseguimos fazer um excelente entrosamento de tal modo que os dois departamentos de geografia eram como que uma extensão natural do outro. Para isso a realização do Atlas Geográfico de Santa Catarina foi um excelente veículo, pois promovemos um intercâmbio entre professores da Faculdade e técnicos do DEGC, com grande proveito para ambas as instituições.

8. Quais as lembranças positivas e negativas da época.

As positivas foram inúmeras, de modo a neutralizar eventuais negativas que não deixaram marca. O ambiente de trabalho na Faculdade de Filosofia era particularmente excelente, mercê da atuação sábia do Professor Fontes. Ele tudo fazia - inclusive uma atividade social confraternizante de churrascos, bacalhoadas e festa juninas - para que a nascente Faculdade se firmasse e, muito acertadamente intuía ele que o que se constrói com "amor" vinga mais facilmente. Aquele ato de criação de uma unidade fundamental já era projetada para a

fundação da Universidade, que, sem dúvida foi obra daquele grande homem. Dentre muitas positivas e boas lembranças a melhor sensação para mim, foi a honra em haver trabalhado com o Professor Fontes e receber dele o melhor dos tratamentos e um apoio integral.

9. Quais as principais atividades desenvolvidas em Santa Catarina, naquele período?

No Faculdade de Filosofia, com a ajuda do conjunto de colegas, foi haver concluído a instalação do Departamento de Geografia, tão bem iniciado pelo Silveira, e haver formado o contingente inicial de geógrafos e professores licenciados em geografia, que viriam dar continuidade a obra na futura Universidade Federal de Santa Catarina e fora dela.

No DEGC todo o nosso esforço configurou-se no Atlas Geográfico de Santa Catarina, cuja aceitação e repercussão foram muito lisonjeiras. Bastaria lembrar que a esta iniciativa pioneira, principiada por Carlos Buchele Júnior, e concretizada por nós, num esforço de equipe, seguiu-se o interesse do IBGE em promover a realização de Atlas Estaduais e, posteriormente os regionais. Os outros que se seguiram, tiveram assistência e normas traçadas pelo CNG para sua confecção. Mas a experiência pioneira, advinda de Santa Catarina, forneceu as bases para aquela proposta.

É necessário lembrar que o Atlas foi obra inteiramente elaborada, inclusive impressa no DEGC. Sob os cuidados do Sr. Antonio do Espírito Santo, operando milagres numa já antiga máquina impressora Multilith, foram produzidos primorosos cartogramas a cores que não fazem má figura face as impressões sofisticadas de hoje contratadas em grandes firmas especializadas, pelos atlas estaduais.

10. Quando nos anos 50 veio à Faculdade de Filosofia, trouxe o que havia de mais moderno em Geomorfologia, Climatologia. Agora nos anos 80, que modificações fundamentais introduziria nos seus cursos em situação semelhante?

Decorridos trinta anos não há situações semelhantes. Seja a instituição, a ciência e o próprio professor estão mudados.

Assim como naquela época procurei oferecer o que havia (e o que eu diria) de melhor. Esta seria uma "permanência". Outro valor que permaneceu, pelo menos para mim, e até mesmo cresceu foi a necessidade de focalizar os fatos geográficos sob perspectiva essencialmente dinâmica. Os recursos técnicos hoje disponíveis aperfeiçoaram-se e melhoraram muito. Haveria assim, ao lado de um enriquecimento teórico, um aprimoramento técnico fadado a melhores resultados.

Restaria saber se a receptividade e o interesse seriam os mesmos ou, pelo menos, relativamente correspondentes. O próprio professor, se cresceu em experiência, talvez não tenha o mesmo "fôlego" de trinta anos atrás.

Mas a "hipótese" pode ser ilustrada pela própria situação real de hoje. Estou vindo aqui colaborar com o Departamento de Geociências do Centro de Ciências Humanas da UFSC, ao nível de Pós-Graduação no Mestrado em Geografia. Pela minha idade e experiência acumulada é o que ora se coloca. E minha colaboração está sendo prestada na disciplina "Análise da Qualidade Ambiental" um rótulo para uma aplicação dos conhecimentos geográficos - físicos e humanos - a um melhor tratamento do ambiente. Se as intensões do professor em oferecer o que puder de melhor, permanecem as mesmas as dificuldades institucionais da antiga Faculdade Catarinense de Filosofia para as da atual UFSC, parece que, infelizmente, não são tão diferentes...

11. Sua permanência em Florianópolis foi marcada por um grande número de amigos que fez na cidade, principalmente entre professores e alunos da FCF e funcionários do DEGC. Pode citar ocasiões particularmente gratas dessa convivência?

No dia de minha despedida, em uma recepção que me foi oferecido na Biblioteca do velho prédio da Esteves Júnior eu declarei que havia vivido naqueles cinco anos, o melhor período de minha vida. Depois de tantos anos, num balanço absolutamente sincero eu posso confirmar aquilo que na época era uma impressão.

Além do meu trabalho, procurei viver a vida na cidade deliciosa que era a Florianópolis de então. Nos limites do meu temperamento não muito extrovertido, fiz boas amizades, integrei-me à vida da cidade (fui torcedor do Figueirense) e as excursões me revelaram o interior desse Estado que passou a ter um lugar especial na minha estima. Ao lado do Piauí, meu Estado Natal.

Quando daqui saí, atendendo o convite de Silveira para ir para Rio Claro, São Paulo, era para prosseguir minha carreira, ficar mais próximo de São Paulo onde pretendia fazer meu doutoramento. O Professor Fontes insistiu em licenciar-me, em vez de não renovar meu contrato. Mas algo em mim fazia sentir antes uma "despedida". Para espanto dos meus colegas, eu deixava a Filosofia no momento mesmo em que ela devia ser integrada às outras Faculdades da Cidade, para o nascimento da Universidade Federal.

Mas eu sabia que aquela "vitória" tão ardente desejada pelo Professor Fontes representaria a sua saída pois aquele herói fundara a Filosofia após sua compulsória aposentadoria da Faculdade de Direito. Tudo indicava que o Professor Oswaldo Rodrigues Cabral seria o novo Diretor. Mantive sempre os melhores termos de relacionamento com aquele ilustre professor de cuja obra sou um profundo admirador. Mas receava eu, entrar, futuramente, em choque e quebrar a harmonia no ambiente de trabalho, o que é tão precioso e havia sido outra grande conquista do Professor Fontes. Preferi assim dei-

xar e conservar para mim uma ótima lembrança. Passei 18 anos sem visitar Florianópolis, girando por Rio Claro (1960 - 64) de volta ao IBGE no Rio de Janeiro (1965 - 66), Universidade de Brasília (1967) até radicar-me na USP em 1968 até encerrar minha carreira como Professor Titular em março de 1987.

A minha atual volta à Florianópolis, para aqui residir, parece exprimir bem o amor que eu tenho a esta terra e aos amigos que aqui deixei.

12. E no período atual, que passa entre nós, como se dá este relacionamento com professores e alunos da Universidade.

Escala e proporções são muito diferentes. Da Filosofia na Esteves Júnior (e praça Lauro Müller) com poucos alunos e professores, ao campus da UFSC repleto de alunos e muitos professores, há que dar um tempo de avaliação. Mas nos domínios do Departamento de Geociências - apertadinho, sem espaço para instalar mesmo os professores de tempo integral, tudo é simpático. Encontro aqui colegas daqueles tempos como Takeda, Armen, Paulo Lago, ex-alunos ora professores como Neide, Arlene, Milton, em meio a muitos novos aqui mesmo formados (em maioria) além de outros aqui radicados há algum tempo.

Na Pós-Graduação os alunos são muito simpáticos e o relacionamento entre eles e os professores continua aquilo que era tão grato ao velho Fontes. Há festinhas e confraternizações frequentes.

Na Semana de Geografia, em maio (embora meio tumultuada pelo elevado número de participantes) dá para ter uma idéia e um início de contacto com alunos de graduação. Alguns colegas novos me tem convidado a pequenos contatos informais em suas classes, o que tem sido muito agradável para mim. É sempre necessário manter-se o contato e relacionamento com os jovens.

13. Os alunos que freqüentavam suas aulas na Faculdade Catarinense de Filosofia e os de hoje que lêem seus trabalhos atuais gostariam de saber como se deu a evolução de suas preferências entre os temas da ciência geográfica. Quais os marcos fundamentais dessa evolução?

Gosto sempre de repetir que toda a minha carreira é uma jornada de aprendiz de Geógrafo. Minha concepção de Geografia é essencialmente "unitária" como base ou subsídio a uma fundamentação filosófica.

Se dediquei boa parte dessa travessia a uma atenção especial ao clima foi porque ela me pareceu necessária, quando comecei. Aqui mesmo ao me iniciar no ensino universitário eu procedi a um grande esforço de estudo de climatologia para que meus alunos fossem melhor servidos nesse setor do que eu próprio fora na minha formação. Mas ao lado dos meus primeiros artigos sobre a temática climatológica há o Atlas Geográfico de Santa Catarina, uma preocupação de Geografia integral.

Ao me fixar posteriormente uma linha de pesquisa sobre o clima do Brasil de Sudeste, a pesquisa nunca se ateu às componentes, atmosféricas. Sempre tive em mente a dinâmica climática como, meio de integração à dinâmica geomorfológica e antrópica.

A partir da segunda metade dos anos setenta tenho me voltado para os problemas ambientais. Aí, mais do que nunca, há necessidade de uma visão interativa e global da ciência geográfica.

Talvez eu não tenho vocação declarada para a "análise" se tomamos isso por uma seqüência linear e mecânica da investigação. Fascina-me antes uma certa concepção sincrônica e diacrônica (não me rotulem de "estruturalista", por favor) que advém da intuição de enfrentar o "caos" areolar do todo antes da trilha linear perseguindo a parte.

A esta altura da vida minha obra "cometida" já é extensa. Há artigos pequenos e algumas obras de vulto. Não creio que elas possam refletir - algumas delas em particular, al-

gum marco na minha carreira. Não creio que haja "marcos", antes deve haver alguns "indicadores". Receio que eles não se encontrem entre as obras de maior vulto posto que sobre elas recaia o peso ocasional do "tema". Talvez em alguns trabalhos de menor projeção, mas acentuando o modo de tratamento, a metodologia num enfoque mais global, eu possa exibir a minha concepção pessoal de Geografia.

Com vinte anos de intervalo entre os dois, ambos tratando de áreas do Nordeste Brasileiro (seria o apelo das "raízes"?) há dois trabalhos que, imagino, possam refletir aquilo que sou, como geógrafo.

O primeiro deles é um relatório sobre PROBLEMAS GEOGRÁFICOS DO BAIXO SÃO FRANCISCO, expondo material coligido por uma equipe de geógrafos em trabalho de campo em Assembléia Anual da AGB (PENEDO, 1962). O segundo deles é um estudo sobre DESERTIFICAÇÃO NO NORDESTE aplicado à área limítrofe entre Ceará - Paraíba - Pernambuco, produzido durante meu estágio na Universidade de Tsukuba no Japão em 1982/83, infelizmente ainda inédito. Entendo perfeitamente que os colegas japoneses que o patrocinaram para o Latin American Studies, por eles editado em Tsukuba, ainda hoje estejam atrapalhados com tal trabalho. Eles que são profundamente tradicionais e seguem os modelos oficiais consagrados e vigentes, devem ter grande dificuldade em assimilar um trabalho nada convencional que apresenta uma acurada análise científica das componentes naturais **nas ilustrações**, enquanto o discurso do texto visa a interpretação social. E tomo liberdades que podem ser imputadas de "literárias" ou mesmo simbolistas. Mas eu tenho o meu exemplar, guardado com carinho. Alguns amigos que o leram insistem para que eu o publique aqui no Brasil mas como ele foi produzido em inglês tenho preguiça de recriá-lo na nossa língua. Talvez valha mais a pena continuar fazer outras coisas.

14. Qual a posição atual da Geografia com relação aos métodos quantitativos?

Passado o turbilhão e assentada a poeira agora já se pode avaliar melhor aquele movimento, cheio de exageros e erros mas também com aspectos positivos, que, no mínimo foi uma boa sacudidela nos cultores de Geografia.

Não era a obsessão do "cálculo", agora facilitada pela computação eletrônica, mas as colocações teóricas que se faziam. Malgrado a aparência moderna e revolucionária havia muito de arcaico no que se prendia a aspectos lineares mecanicistas, caráter científico newtoniano, esse sim, em vias de transformação. Como todo o movimento "revolucionário" ele implicou num outro contrário, de cunho ideológico, o que facilitou a entrada dos marxismos (coloco sempre no plural por que o número de derivados hoje é mais característico do que o tronco original) na "teoria geográfica".

Acho que, nesse turbilhão, um movimento praticamente neutralizou o outro, e os problemas e insolúções continuam flagrantemente, desde que o objeto de estudo, está sob o impacto permanente e crescente da grande crise que afeta o mundo de hoje. Outros movimentos virão, a crise continuará por bom tempo ainda, e novos rumos serão procurados. Os geógrafos têm que se preparar para enfrentar cada vez mais incertezas e perplexidades. E isso quando nos aventavam com a comodidade de encontrar "modelos" prontos para nos simplificar a vida...

15. Dentro do enfoque da Geografia como análise ambiental como devem ser encarados os estudos do ambiente físico e os da Geografia Humana?

O problema é o de romper esta fatal dualidade que nos persegue eternamente: o físico e o humano.

Acho, em primeiro lugar, que o "ambiente" que hoje se apresenta contaminado e poluído com a degradação da natureza não deve atrair a Geografia como oportunidade de trabalho ou

de obter verbas já que (pelo menos para mim) o estudo do lugar sempre foi o legítimo objetivo da Geografia. Assumindo qualquer postura em considerar o lugar como "organização" pela sociedade, como "produção" pelas forças malignas do capitalismo ou benéficas do socialismo (que não elimina a degradação ambiental), ou como "derivação" antropogênica da natureza, malignamente conduzida pelo animal homem (numa visão de "ecologismo ingênuo) para mim o que estará em jogo será sempre o lugar (lugares do homem) e não a problemática interna e específica da organização social. Que as forças sócio-econômicas e políticas são decisivas na elaboração dos lugares é ponto pacífico. O que é altamente discutível é que esta força geneticamente importante e mesmo decisiva, venha substituir o objeto dela resultante: o lugar, os lugares. (Evito propositalmente usar "espaço", conceito muito convenientemente obscurecido em grandes correntes das Geografias de hoje).

Uma "análise ambiental" para mim, emana de uma pesquisa geográfica "unitária", resultante da interação e integração de todas suas esferas, notadamente a humana.

Na moderna "geografia física", a adoção crescente do paradigma do "geossistema" é uma tentativa de viabilizar mais facilmente esta integração de muito proclamada e difícil ou raramente alcançada.

16. Quais as ciências auxiliares mais importantes dentro das atuais tendências de estudo da Geografia?

Parece perigoso tomar qualquer ciência como auxiliar de outra. Talvez esta seja uma ótica emanada de um certo "corporativismo" que deveríamos evitar. Parece-me que em ciência, como nas artes, não há principais e auxiliares numa sã perspectiva epistemológica.

Quando um geógrafo hoje, põe-se a estudar a mão de obra feminina num determinado e específico setor industrial, parece-me muito difícil interpretar se a Geografia é o corpo principal mobilizando a sociologia como auxiliar. Poderia tam-

bem ser seguido um raciocínio contrário. Sendo o social o mais importante, o geográfico pode trazer algum subsídio à compreensão de um tema social.

O mesmo poderia ser dito de um geógrafo que desce as minúcias da lâmina mineralógica ou do ~~micro~~ sedimento para contribuir a uma interpretação geo-cronológica.

Uma das coisas mais faladas e menos compreendidas hoje em dia é exatamente os diferentes modos de disciplinaridade. Em nome de "inter disciplinaridade" há muita confusão. E a confusão e mesmo o caos são próprios das grandes crises.

A pergunta que me fazem, admitiria as mais diferentes respostas segundo as diferentes concepções de Geografia hoje vigentes. Poderia falar da minha impressão pessoal. Trata-se de um viés particular e uma opção de trabalho. Para mim, já que é tão difícil solucionar o "imbróglio" do natural-social, a **ponte epistemológica** que me parece mais necessária a meus propósitos pessoais, segundo a minha concepção geográfica seria aquela em direção a antropologia. Os vícios do historicismo e os descaminhos ideológicos da sociologia parecem-me menos úteis do que os progressos revelados nas concepções antropológicas. Fica mais fácil entender o lugar-lugares do homem se entendermos mais corretamente o homem.

17. Numa rápida análise do processo de urbanização de Florianópolis, desde o final da década de 50, quais as constatações mais evidentes sobre a problemática da qualidade ambiental?

O "processo" havido nesses trinta anos não é passível de análise rápida. O que posso perceber é uma visão geral sobre as diferenças e estruturas.

O crescimento foi grande e, sob certos aspectos bastante intrigante. Mesmo para uma conurbação ilha-continente que está pouco aquém do meio milhão de habitantes, os problemas ambientais já se avolumam. E isso é que deve ser estudado: em que medida o processo contribuiu para os defeitos ambi-

entais de estrutura?

Com os alunos de Pós-Graduação, dentro dos nossos limites, estamos procurando dar uma contribuição ao problema. Elegemos a área de expansão a leste do Maciço do Morro da Cruz, onde a Trindade é a área "core", para testar uma metodologia e técnicas de análise. Aguardemos, prudentemente, os resultados.

Os problemas mais emergentes estão nas páginas dos jornais: o do lixo, a deficiência do abastecimento d'água pelo ataque aos mananciais, o impacto do turismo, etc, etc. E como reação há um movimento extraordinário de movimentos de jovens em defesa da ecologia. O que é muito positivo e animador.

18. Sua experiência: da AGB, de Rio Claro, da USP, da UGI

Cada uma dessas entidades representou sem dúvida uma contribuição inestimável à minha formação, não apenas profissional mas até mesmo em experiência de vida.

Não fui dos mais presentes na AGB. Num balanço dei-me conta que, até 1977 a última assembléia a que compareci fui a um quarto das outras. Fui portanto bissexto. Mas tive a sorte de comparecer às mais memoráveis daquelas reuniões. Foi uma importante escola paralela em minha formação acadêmica. Ouvi muito mais do que falei, e isso me foi muito útil. Convidado pelo meu amigo Manoel Corrêa de Andrade, cheguei a chefiar uma equipe de pesquisa durante a Assembléia de Penedo (1962) sobre cujo resultado já me referi nessa entrevista. Hoje, por sobejas e justificadas razões presas a "grande crise" as reuniões da AGB tomaram outro rumo. Por temperamento, não me adapto mais a elas o que não significa reprovação de minha parte. Torço de longe pelo seu sucesso e influência positiva nos novos geógrafos.

Se Florianópolis foi o meu batismo em Rio Claro tive a minha crisma ou confirmação geográfica. Graças às invejáveis condições de trabalho proporcionadas pela Direção de João

Dias da Silveira, pude não só desenvolver um intenso programa de pesquisa, produção esta que serviu para definir uma linha de pesquisa para o futuro. A maior satisfação que me advém de Rio Claro é a certeza de ter atuado com eficiência pois ao deixar o Departamento de Geografia de lá, mais especificamente a cadeira (ou setor) de Geografia Física, os meus assistentes deram plena conta do recado, de tal modo que não fiz nenhuma falta. Assim você sente que criou algo. Se ao sair, a coisa cai é porque você não construiu nada. Rio Claro é, hoje em dia, um dos mais projetados centros de estudos geográficos do País e eu sinto orgulho em ter dado a isso minha contribuição inicial.

Ruellan sempre dizia que a formação de um geógrafo exigia pelo menos, dez anos após a licenciatura, se houvesse um trabalho sério incluindo muito trabalho de campo. Em Rio Claro atingi os meus dez anos e comecei a "ver" e sentir a revelação da Geografia.

A USP foi, nos dezoito anos que a ela me dediquei, a parte central de minha carreira. Lá prestei todos os concursos funcionais e cumpri todos os títulos necessários à carreira Universitária. Nos primeiros cinco anos (1968/72) dediquei-me a Pós-graduação, de tal modo empenhado em orientar os outros - colegas e alunos - que se registra um hiato em minha produção pessoal de artigos ou monografias.

O Departamento de Geografia da USP nunca me foi fácil. Tive sempre a sensação de ser um corpo "adido" mas não integrado. Mas cumpri minha obrigação com honestidade. Servi à USP em vez de servir-me dela. Mas também pude ruir de toda a liberdade para fazer o que quis embora, como sempre, com recursos escassos. Em menos de vinte anos consegui formar treze mestres e 7 doutores, o que, imagino revela um "retorno social" de minha atuação. Também da USP tive liberdade de atuar oferecendo "serviços à comunidade", embora com maior ênfase fora do Estado de São Paulo. Na Bahia, graças a uma assessoria à Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia, tive campo para experimentar a aplicação de algumas idéias e roteiros metodológicos que foram fundamentais como

municipiador a minha atividade docente. Também a USP nunca cerceou os meus planos de viagens de estudos, tão importantes para minha formação, sem subsídios mas assegurando-me meus proventos mensais regulares.

Antes de entrar nos anos 80 já estava cansado de desejoso de deixar a USP mas perseverarei e consegui chegar à etapa final da carreira. Em meados de 86 cheguei a Professor Titular e deixei, por aposentadoria, em março de 1987. Continuo ultimando meus compromissos na Pós-Graduação onde ainda tenho 4 orientandos.

Como se vê, fui bastante nômade, se incluir ainda os três semestres em que trabalhei no Departamento de Geociências da Universidade de Brasília, onde tive a oportunidade de ultimar a pesquisa e redigir minha tese de doutorado defendida na USP em outubro de 1967.

Não sinto ter "pertencido" a nenhuma dessas Universidades no sentido de que fui parte integrante delas ou que elas "me fizeram". Talvez seja muita pretensão mais régua e compasso trouxe eu do Piauí e, como na canção de Gilberto Gil, o meu caminho eu mesmo tenho traçado.

Minha experiência na UGI (União Geográfica Internacional) é um nível de aproximação internacional, iniciada no Congresso de Moscou (1976) a partir de um momento em que eu pude custear minhas despesas nestas participações pois que jamais recorri a qualquer ajuda ou auxílio de instituição brasileira. Em alguns casos me foi "oferecido" subsídios de instituições internacionais (Nações Unidas) ou governo dos Países sediantes dessas reuniões. Em Moscou filiei-me a Comissão de Problemas Ambientais, sob a direção do eminente geógrafo soviético I.P. GERASIMOV. Durante os oito anos de duração desta comissão compareci a todas as reuniões anuais, em diferentes países e continentes. Muitas vezes apresentei trabalhos de minha experiência, em outras ouvi e aprendi. Mas sem dúvida foi de grande proveito para mim, sobre os estudos ambientais e sua aplicabilidade ao planejamento. Tive participação menor junto ao Grupo de Trabalho sobre Clima-

logia e Assentamentos Humanos nos trópicos dirigida pelo colega japonês, M. YOSHINO.

Pretendo comparecer ao próximo Congresso na Austrália, já que continuo vinculado a UGI através da Comissão "Monitoria e Previsão Geográfica" sob a presidência do soviético I. EVTEV. Talvez lá eu encerre minha atividade, não tanto por cansaço mas porque está ficando proibitivo viajar nesta crise que atravessamos.

19. Como vê o futuro da Geografia e da Universidade?

Onde está a bola de cristal? Quem nos dera saber! Perguntar pelo futuro da Geografia equivale a perguntar pelo futuro da humanidade.

Estamos mergulhados numa grande crise. Não uma qualquer mas qualquer coisa de grandioso e espetacular, assim como o Século II da era Cristã, segundo assinalaram M. Yorcenar (Memórias de Adriano) e Umberto Eco (em seu discurso na feira mundial do livro este ano na Alemanha).

Faço força para acreditar nas previsões otimistas como aquela de Fritjof CAPRA que acena com a possibilidade de estarmos próximos de atingir um importante "ponto de mutação". Enquanto isso a crise do mundo será uma crise na Geografia que, antes significara a coexistência de uma série variada e, por vezes antagônicas, de geografias.

O grande problema do momento, tenho a impressão, é do tratamento que dermos aos jovens. Já que estamos mergulhados em dúvidas não há porque os massacrarmos com a rigidez dos modelos impostos como certos e adestrá-los para viverem e verem o mundo sob as lentes dos nossos óculos. O importante será advertí-los do caos e fomentar seu potencial de criatividade para que a humanidade encontre as saídas para o futuro. Pela profundidade em que mergulhamos no negativo tudo leva a crer que só poderemos estar prestes a nos alçar em direção ao positivo. E a juventude bem o merece.

O que acabo de ventilar, como não poderia deixar de ser visa a Universidade. Neste mundo em crise é normal que a Universidade atravesse profundas dificuldades. Nos países ricos e de culturas tradicionalmente apoiadas nos mais antigos centros do saber o problema é aquele de adaptar as Universidades às perspectivas do futuro.

O que é dramático é a nossa situação. Não estamos sequer aparelhados para fazer face a realidade presente. Não poderia disfarçar o meu desapontamento, desgosto ou mesmo náusea de um ambiente do qual eu me evadi dez anos antes que a compulsória a isso me obrigasse. Subscrevo tudo o que o nosso filósofo José Arthur Giannotti apontou na "Universidade em Ritmo de Barbarie". Não chega a ser covardia a minha saída. Embora minhas componentes masoquistas possam ser acentuadas não chego a atingir a vocação do martírio. E o recente episódio da "lista dos improdutivos" publicada pela Folha de São Paulo comprova isto. Para mim o pior defeito da Universidade Brasileira é a substituição do mérito acadêmico (que de nenhum modo pode ser questionado ou avaliado fora dela) pela astúcia política, o que dá o sentido a poderosa aliança baseada na solidariedade da mediocridade para constituir o rolo compressor da quantidade numérica, reverter e mistificar o sentido de democracia, e dominar a situação. Do jeito que as coisas vão, será em vão que qualquer voz individual discordante dessa "máfia" venha a se levantar. E o pior é que a aliança negra da mediocridade solidária e coesa tem o apoio político de alguns dos mais altos valores individuais, sobre os quais o mérito é indiscutível e sobre cujos ombros repousa o que resta da Universidade.

Hoje, afastado, sou "free-lancer". Não desejo qualquer vínculo empregatício em qualquer Universidade brasileira.

Posso prestar colaboração ocasional e de curta duração em alguns Departamentos de Geografia ou outras instituições que me convidem. Justamente para ter a oportunidade de dirigir-me aos jovens, não contaminados ainda, e alertá-los dos perigos que os cercam. Isso talvez possa durar uns poucos

anos. A medida que avançamos em idade assenta-nos melhor - para aqueles que ainda se consideram ignorantes, como eu - o estudo mais acompanhado de reflexão do que uma ação duvidosa.

A meu ver, a Geografia e Universidade, emergirão de um mundo melhor quanto mais nós possamos reprimir nossos erros e induzir a juventude à "criação" que se adquire não com as algemas de um saber viciado mas com a necessária liberdade. Nessa crença repousa o meu otimismo possível.

PARTE 2 DA ENTREVISTA*

GEOSUL - Dentro dos aspectos que chamaram a atenção em sua entrevista passada (GEOSUL nº 4) encontra-se aquele de suas referências à personalidades da Geografia com os quais conviveu. Alguns deles como José Veríssimo são desconhecidos, são praticamente desconhecidos hoje. O próprio Ruellan, que teve grande influência no Rio de Janeiro, conhece-se muito pouco. Gostaria de retomar o assunto agora neste novo encontro?

CAFM - Encontro-me entre aqueles que consideram a obra inseparável do autor. Têm-me chamado a atenção pelo caráter peculiarmente "pessoal" com que me tenho exposto, não em entrevistas, mas nos memoriais, acadêmicos e até mesmo, na escritura de meus últimos trabalhos. O fato de escrevê-los na primeira pessoa e eivá-los de referências e anedotas "pessoais", é exato. Tenho procedido assim... Deliberadamente. Ocorre-me a posição do epistemólogo Paul

*Participaram dessa entrevista os professores Armen Mamigonian, Maria Dolores Buss e Maria Lurdes Sezerino.

Feyerabend que estabelece um jocoso paralelo entre o modo de exprimir-se "cientificamente" os sexólogos americanos Master & Johnson - no antipático cientificismo de hoje - e Galileu Galilei onde sua ciência era comunicada de um modo muito humano e pessoal.

Não desejo colocar-me ao nível de Galileu, mas realmente abomino o outro modelo. Sempre tive a preocupação em documentar o que faço na minha vida acadêmica. Tenho sistematicamente feito relatórios anuais. Muito mais para mim mesmo, para uma posterior auto-reflexão, do que para obedecer a uma postura burocrática. Neste caso é um documento que, quando se exige, ninguém lê. Costumo também guardar cartas de colegas geógrafos, bilhetes, etc.

A Revista Brasileira de Geografia teve, ao longo de muitos números, uma secção chamada "Vultos da Geografia do Brasil" que registrou aspectos sumários da primeira geração de nossos geógrafos. O passar do tempo promove uma triagem, passa por uma espécie de peneira, onde ficam aqueles que "marcaram sua passagem". Mas para o nosso caso cultural, onde a memória preocupa muito pouco, cometem-se, por vezes injustiças. Eu guardo, com muito carinho, todos aqueles que me influenciaram e, sempre que possível, proclamo a sua importância. E o mais grave é quando se adultera ou distorce uma imagem. É por isso que, embora sem pretensão a vir a ser um "vulto" da Geografia tenho o cuidado de registrar o que tenho feito. Ao lado da nossa "obra" o registro de sua fatura parece-me importante. Não agora nesta entrevista mas, se tiver tempo e ocasião, pretendendo deixar o registro do meu contacto com geógrafos nacionais, e do exterior, com os quais tenho convivido.

GEOSUL - Outro aspecto de sua entrevista que gostaríamos de retomar seria aquele de sua produção no campo da Climatologia, o campo onde, parece, sua contribuição foi mais ampla. Entre o seu primeiro artigo, sobre o Clima do Centro Oeste e agora há uma longa caminhada. Quais as fases ou períodos que poderiam caracterizá-la?

CAFM - Esta pergunta é muito pertinente e é tão importante para mim que já acabei de dar a ela uma longa resposta. Entre 1986 e 1989, com muitas interrupções produzi um trabalho ao qual intitulei CLIMA E EXCEPCIONALISMO, onde passo em revista todo o meu proceder no campo da climatologia como parte central da minha produção de geógrafo. A necessária autocrítica, os esclarecimentos cabíveis e alguns bem necessários, ante alguma deturpação que já está aparecendo. Fiz uma edição preliminar de quinze exemplares que distribuí entre instituições e ex-colaboradores. A Editora desta Universidade, acolheu esta obra que deve estar no prelo. Não sei se ela despertará interesse que justifique os gastos pois imagino que os aspectos ditos "físicos" da Geografia estão, entre nós, um tanto relegados. Ficou faltando ali a consideração da parte referente a "clima urbano".

GEOSUL - Exatamente por sabermos disso é que este número ofereceu o seu espaço para que fosse preenchida esta lacuna. Gostaríamos que nos falasse sobre esta temática, sua importância hoje no mundo e suas possibilidades no Brasil.

CAFM - Quando escrevi a Teoria e Clima Urbano em 1975, inseri a informação obtida em Roads Murphy (1973) segundo o qual o tema mais recorrente entre os geógrafos ingleses e americanos era aquele do "Urbanismo, superurbanização e as conseqüências negativas dos modernos modelos ocidentais de urbanização". A importância da urbanização ao longo desses dezoito anos deve confirmar a importância da temática interna na geografia de hoje, não só nos países de língua inglesa mas no mundo. Entre nós parece bem patente esta suposição. Contudo, as abordagens, sócio-econômicas do urbano, suplantam, de muito, aquelas relativas à qualidade ambiental. E o estudo dos "climas urbanos" é uma imposição a estes estudos.

Em todos os continentes já se praticam estes estudos que, naturalmente culminam nos centros do mundo ocidental - Europa e América do Norte. A bibliografia que se dispõe já

é copiosa, salvo nos países tropicais em desenvolvimento. Isto motivou a WMO a realizar uma de suas conferências técnicas (México, novembro de 1984) com foco especial nas áreas tropicais. A convite de Tim Oke compareci aquele evento levando um balanço da contribuição brasileira ao referido tema.

Era muito pouco. Desde 1972 quando lancei na USP a disciplina "Climatologia Urbana" na Pós-Graduação no Departamento de Geografia, até 1984 a produção era muito restrita. Embora florescendo no Rio Grande do Sul, a grande maioria dos poucos trabalhos estava ligada à produção do Laboratório de Climatologia da USP, sob nossa direção. Logo após a conferência do México, a colega Magda Lombardo lançou sua tese sobre a Ilha de Calor em São Paulo. O sucesso desta obra pode se atestar pela importância e necessidade da temática.

Nosso trabalho, inicialmente, despertou maior interesse e acolhida entre arquitetos, urbanistas e paisagistas. George Wilhelm, honrou-me assistindo, por todo um semestre, um daqueles cursos. Com o arquiteto-urbanista Joaquim Guedes tive ensejo de colaborar em alguns dos seus projetos de implantação de novas cidades (Barcarena, no Pará, por exemplo). Com a arquiteta-paisagista Rosa Klüss tive a colaboração mais longa e mais variada nesta experiência "ambiental". Dei cursos sobre clima urbano no Instituto de Arquitetos do Brasil, seção de São Paulo, (1974-1975) e na Sociedade Brasileira de Arquitetos Paisagistas.

Embora se tratando de uma pesquisa difícil e dispendiosa, creio que no presente momento há um despertar para a importância da temática e interesse em pesquisá-lo. No dia 28 de março deste ano recebi um telefonema de uma colega, professora do Depto. de Geografia da Universidade de Mato Grosso (Professora Zilda, se não me engano) consultando-me sobre a possibilidade de ministrar um curso ou orientar uma pesquisa aplicada à Cuiabá. Além de minha agenda estar cheia para o resto do ano, disse-lhe que já encerrei minha tarefa na vida acadêmica, e sugeri-lhe contactar os colegas do Depto. de Geografia da USP. Disse-me

ela que o seu interesse lhe fora despertado por haver visto os resultados das sondagens da ilha de calor nas cidades paraibanas de Patos e Campina Grande. Os colegas japoneses da Universidade de Tsukuba, os quais acompanhei em sua missão de pesquisa pelo Nordeste em agosto-setembro de 1986, incluíram o meu nome entre os autores daquele trabalho preliminar publicado no Latin American Studies, daquela universidade. Eu era apenas, o observador do CNPq junto àquela missão científica estrangeira, e apenas ajudei nos trabalhos de campo. Vê-se, assim, que, à medida que os resultados são divulgados, aumenta o interesse no tema.

GEOSUL - Exatamente por isso este número da GEOSUL quer contribuir para incremento desses estudos entre nós. Fale-nos sobre o conteúdo aqui apresentado e suas expectativas sobre a repercussão que poderá ter.

CAFM - Com esse número fico em grande débito de gratidão à GEOSUL e a vocês pelas oportunidades que me abriram. De um lado para que eu pudesse "concluir" a minha trajetória acadêmica na pesquisa climatológica. Por outro para que, ao terminar minha atividade de investigação neste setor, abra possibilidades a outros de se incrementarem. Nesse sentido esta pequena coletânea assume aspectos de um "chamamento" e, com o comprovante de um real interesse que me vem sendo demonstrado, realmente espero que ele venha a preencher um papel de utilidade. Sinceramente acho que este número da GEOSUL, dedicado à climatologia urbana, pode despertar um interesse bem maior do que o meu CLIMA E EXCEPCIONALISMO.

Com o risco de que se veja aqui, neste número, um "festival" Carlos Augusto. Mas a esta altura da vida, pouco se me dá. Tenho certeza de que, ao longo de toda a minha trajetória acadêmica fui muito honesto e nada, absolutamente nada "cabotino". Agora, no final, posso dar-me a uma prática que sempre desprezei. Mas se ela é a maneira usual e eficiente, vamos a ela!

Estão aqui reunidos quatro artigos que, embora escritos em momentos, circunstâncias e motivações diversas, ao longo dos quatro últimos anos, estou seguro de que, malgrado, eventuais superposições, há uma seqüência lógica para nossas necessidades e uma certa "unidade" de pensamento. O meu TEORIA E CLIMA URBANO, além de procurar ser um quadro de referência teórico-metodológico, procurou traçar um "programa" de pesquisa do qual foi executado muito pouco. Com senso de realismo começamos por problemas mais exequíveis. Eu próprio e um dos meus orientandos (Wanda Paschoal) atacamos o problema de impacto pluvial concentrado e inundações na metrópole de São Paulo.

A importância do tema requer um "ataque" mais decisivo. Daí a necessidade de fomentar o interesse. O resultado do trabalho de Magda Lombardo foi obtido mediante um certo nível de sofisticação de recursos que, infelizmente, está longe da maioria dos geógrafos. Pareceu-me que valia a pena partir de uma via mais simples. O primeiro artigo - uma palestra proferida em evento promovido pela CETESB (SP) - é o lançamento desta "conclamação". O segundo expõe os resultados - modestos mas esclarecedores - da aplicação desta postura à cidade de Florianópolis. Graças ao esforço dos colegas catarinenses com quem compartilho o artigo, foi possível executar valiosos experimentos, onde, problemas e mesmo erros, podem esclarecer bem a natureza complexa do trabalho de campo em clima urbano.

O terceiro foi produzido sob forte motivação e visando atender a duas direções. De um lado, eu estava muito preocupado com o anseio dos alunos de pós-graduação (aqui no Departamento) em obter "receitas" prontas para aviar na produção de RIMAS. Isto na disciplina "Análise da Qualidade Ambiental" que, nos últimos anos ministrei aqui. Por outro lado ele visava esclarecer a um orientando, inseguro de suas técnicas de análise de campo, a relatividade entre técnica a serviço de um dado método. O quarto e derradeiro, visou estabelecer um vínculo de ligação entre os demais e sobretudo abordar um aspecto que me parece da maior importância na colaboração do geógrafo nos estudos

de clima urbano. Em sua brilhante síntese sobre os aspectos legalizados pelos estudos de climas urbanos Landsberg admitia que "o desenvolvimento urbano tende a acentuar ou eliminar as diferenças causadas (no clima) pela posição ou sítio". Aqui está um dos aspectos mais pertinentes ao estudo dos climas nas cidades tropicais. Parece-me que se deve ter um foco especial nas relações de porte e funções urbanas com a morfologia do sítio sobre o qual se implanta a cidade. Em suma, as relações "escalares" são um problema de base no estudo da climatologia urbana. É isto eu procurei enfatizar no quarto artigo. Além disto tentei abordar o delicado e difícil tópicos das relações interdisciplinares no inegável contexto multidisciplinar que é o fato urbano.

Embora nossa vida universitária não promova um maior contacto, isso não é difícil de estabelecer na prática. Eu posso depor sobre uma relação muito proveitosa que manteve - a nível de aplicação ao planeamento - com arquitetos, urbanistas e paisagistas em torno do clima ("ambiental" e "urbano"). Quis também deixar claro o grande hiato que se verifica nas relações escalares entre a região e o edifício.

Desse conjunto espero ter promovido um esclarecimento sobre a posição "profissional" de geógrafo nos domínios da investigação dos climas urbanos. Muito longe de qualquer pretensão (descabida) de "corporativismo", acho que o campo multidisciplinar da cidade serve bem a demonstrar a necessidade de integração "interdisciplinar" no estudo do clima urbano. Parece-me cristalina a divisão de tarefas que se poderá pretender ou sugerir. Entre o meteorologista preocupado com a atmosfera sobre a cidade e as anomalias que esta produz naquela, e o arquiteto (urbanista-paisagista) com o "conforto" na cidade (edificação ou casa e jardim) o geógrafo pode atuar na interface que é exatamente o dinamismo urbano, nas relações entre as diferentes escalas, para o entendimento dos processos climáticos intra-urbanos.

Lembraria ainda que atualmente, no exterior, há um evi-

dente, concreto e proveitoso esforço de promover este encontro interdisciplinar em torno da cidade. No ano de 1986 a missão que desempenhei para o CNPq, acompanhando a equipe da Universidade de Tsukuba ao Nordeste, além de me ter impedido de participar da reunião da comissão da GIC ("Geographical Monitoring and Ivrecasting", sucessora da "Environmental Problems", as quais acompanhei anualmente desde 1976) em Barcelona, privou-me da oportunidade de assistir também ao 3º Simpósio Internacional do Standing Committee - Urban and Building Climatology sob o tema "Climate-Building-Housing", realizado em Karlshue, República Federal da Alemanha, entre 22 e 26 de setembro daquele mesmo ano. O presidente do evento foi o Professor Arich Bitan do Departamento de Geografia da Universidade de Tel-Aviv, a quem conheci na Conferência da W.M.O no México em 1984.

Geógrafos, Arquitetos, Meteorologistas e Médicos brasileiros, interessados nos estudos de climatologia urbana, devem tomar conhecimento da INTERNATIONAL FEDERATION FOR HOUSING AND PLANNING (IFHP), a quem está ligado o mencionado Standing Committee. No encontro de Karlshue, uma das seções era "Cooperação de Climatologistas e Arquitetos", além de outra "Climatologia Urbana nos Trópicos", "Bioclimatologia da Cidade" e "Energia e Edificação" completavam as quatro seções daquele evento ao qual não pude comparecer.

GEOSUL - Esta sua idéia de sugerir que se principie os estudos de clima urbano entre nós sugerindo o uso de aparelhagem "singela", ao mesmo tempo que animadora, poderá também ser mal interpretada. Quais as vantagens? Fale-nos mais sobre esta proposta.

CAFM - Este é um ponto capital. Como tudo na vida esta proposta contém seus aspectos negativos, perigosos, ao lado de positivos, vantajosos.

Como elementos perigosos há, claramente dois aspectos. De um lado isto pode induzir a que interprete que há uma

ciência tecnológica e sofisticada dos "ricos" e uma "artesanal" dos sub-desenvolvidos e pobres. De outro, o que seria pior ainda, que esta proposta venha a ser tomada como um sinal de conformismo ou passividade; que não devemos lutar por melhores condições de pesquisa. É óbvio, embora apenas implícito, que esta proposta deve ser tomada como condição provisória, algo que se fará in extremis e cuja adoção, em vez de assentar-se sobre os dois negativos apontados, deve, ao contrário, ser acompanhadas ou norteadas por dois complementos muito positivos. Deve-se considerar que os "primeiros experimentos" para os quais se sugere "singeleza" de aparato técnico são acompanhados de um caráter de treinamento de equipe. A aparelhagem é sensível e, pelo menos para nós, muito cara. Mesmo os aparelhos fabricados no Japão e na Austrália são caros. Para nossa condição seria pouco indicado, ou mesmo falta de bom senso, colocar tal aparelhagem nas mãos de operadores sem experiência. Além disto há outro aspecto mais importante. Devemos reconhecer que no universo da pesquisa científica no nosso País há opções e prioridades de acordo com nosso estágio econômico. Será difícil convencer aos órgãos provedores de recursos que os estudos de "clima urbano" estejam na primeira pauta. Investir em aparelhagem cara para algo que não se avalia bem o alcance, parece não comover facilmente os provedores de recursos. Contudo se os pedidos forem acompanhados de alguns resultados práticos e úteis obtidos com meios "singelos" isto poderá ser visto com outros olhos.

Admiro demais os cientistas que sabem angariar fundos para sua pesquisa. Além de comedido sempre fui muito escrupuloso e tímido ao solicitar ajuda às financiadoras de projeto. Mas admito que é um erro. Hoje em dia, quem quer pesquisar, neste país, além da necessária dose de "cabotinismo" tem que recorrer às técnicas de verdadeiro "marketing" para poder realizar alguma coisa. E aqui, neste meu viés pessoal, vocês encontrarão mais uma das razões que me levaram a decisão de encerrar a minha carreira.

Que os nossos jovens colegas a quem eu me dirijo vejam

bem clara, nesta proposta, a "provisoriedade" de que ela se reveste. E o melhor exemplo disso pode ser encontrado aqui mesmo neste Departamento. Entre o aparato de mensuração "termo-higrométrica" que utilizamos nos primeiros experimentos em Florianópolis, é aquele que está, agora mesmo, sendo utilizado pela colega Maria Lurdes Sezerino em sua pesquisa, houve uma melhoria enorme. E faço votos que, com os resultados de sua pesquisa, ela possa vir a obter recursos para adquirir aparelhagem do nível aspirado. É uma questão de estratégia para pedir, honestamente, recursos à nossas financiadoras de pesquisa que são sobrecarregadas e muito aquém das necessidades do País.

GEOSUL - É sabido que você manteve uma atividade internacional na Comissão "Problemas Ambientais" na UGI. Quais foram as outras atividades neste nível? Houve alguma atividade internacionalmente ligada à Climatologia Urbana?

CAFM - Em verdade, minha atuação junto a comissão "Problemas Ambientais" da UGI foi, para mim, das mais proveitosas e prolongou-se de 1976 até 1984, já que a referida comissão, tendo sido prorrogada, atuou ao longo de dois períodos de quatro anos. Junto com o Presidente I. Guerasimov fui o único membro a participar de todas as reuniões e simpósios anuais. E continuei atuando como membro naquele que lhe sucedeu: "Geographical Monitoring and Forecast" presidida pelo soviético S. Evtev, onde perdi aquela reunião de Barcelona e da qual, voluntariamente me afastei após a reunião de Camberra em 1988. No Congresso de Sidnei, naquele mesmo ano ela foi prorrogada por mais quatro anos. Fiz parte também, com pouca presença no grupo de trabalho "Tropical Climatology and Human Settlements" presidido por M. Yoshino. As reuniões ocorreram, em maioria, no extremo oriente (China, Sri-Lanka) o que tornava a participação muito dispendiosa. Sempre gosto de tornar claro que nos doze anos em que compareci a estas reuniões anuais, o fiz sempre às minhas custas. Em quatro delas recebi ajudas parciais (ora passagem ora estadia) de agências interna-

cionais: UNEP - Nações Unidas; ou governos dos países sede: México e Espanha. Jamais fiz uma viagem custeada ou com qualquer ajuda de governo ou instituição brasileira. Ouvi, certa vez, uma piada na qual se definia o cientista como sendo "um curioso que tem sua curiosidade financiada pelo Estado". Não me enquadro na categoria. Mesmo reconhecendo que isto seria um direito (ou privilégio?) a que faz jús o cientista, nunca me utilizei dessa prerrogativa. Sou um contribuinte consciente que, ao ver as crianças famintas e desprotegidas nas ruas, tem a tranqüilidade e consciência de nada haver subtraído daquilo que o Estado deveria e este é um legítimo "direito" destinar a elas.

É claro que, no tratamento dos problemas ambientais urbanos houve lugar para discutir problemas de climatologia urbana. Eu mesmo apresentei na reunião de Tóquio o trabalho sobre as enchentes na cidade de São Paulo. Mas, diretamente subordinado à temática, participei da conferência da WMO no México, apresentando um dos "insisted papers". Agora teria a oportunidade de continuar e aprofundar este contato. Na revista que comento neste número de GEOSUL, a "Urban Atmosphere", Bob Borstein teve a gentileza de convidar-me e incluir-me entre os membros do "editorial board", como "South American Editor", honraria essa que eu deverei declinar muito proximo. O lançamento deste número da GEOSUL parece ser o momento oportuno.

GEOSUL - Com isto fica difícil para nós entender o motivo destas "despedidas". Por que renunciar a uma tarefa onde os papéis de fomentador no âmbito "nacional" e divulgador de nossa produção no exterior, teriam já assentadas suas bases? Poderia esclarecer-nos isto?

CAFM - Esta foi uma decisão bem amadurecida. Aposentei-me como Professor Titular da USP em março de 1987. Nos três últimos anos continuei orientando na sua Pós-Graduação e prestando colaboração paralela aqui na UFSC e em Belo Horizon-

te (UFMG). Este ano que inicia a última década do século resolvi parar. Há uma série longa de razões bem pensadas e ponderadas. Apresentarei apenas as mais decisivas, sendo necessário separar alguns aspectos.

Quanto à docência, sou de opinião que o professor, como o ator, deve saber o momento em que deve deixar a cadeira (e a cena). Teria pavor ante a imagem de vir a tornar-me um Norferatu, arrastando as pernas pelas rampas do prédio da Universidade. Nossa universidade é muito difícil e exige não só tempo, mas dedicação e entusiasmo totais. Num país de pirâmide de idade como o nosso os executivos devem ser jovens. Eu mesmo não voto em nenhum político com mais de cinquenta anos. Não que considere os velhos inúteis. Ao contrário, acho que o seu lastro de experiência é valioso mas acho que a atuação deve ser diferente. Mais nos bastidores. Escrever, por exemplo, é algo que pode ser muito útil. Os bastidores filtram os inconvenientes do contacto direto, que, no caso da nossa universidade vem se tornando penoso. Menos pelo contacto com os alunos, pois é mais difícil lidar com os "colegas" do que com os alunos.

Por outro lado há a outra face da moeda, ou seja, a pesquisa - complemento indispensável da docência. Em entrevista à revista GAIA (Ano 1, nº 1, maio de 1989) o filósofo José Arthur Gianotti, cujas opiniões sobre a universidade brasileira de hoje são as mais lúcidas, declara que não é mais possível continuar a **produzir artesanalmente**. Isto é especialmente verdadeiro para o campo da pesquisa. De 1955 a 1987 não fiz outra coisa. Tudo que pude produzir de pretensamente "científico" foi a duras penas, a nível artesanal. Embora eu esteja aconselhando os jovens a principiar os seus "experimentos" neste nível, que é apenas provisório, para demonstração de credenciamento, eu mesmo já cansei disto. Basta. E tampouco tenho forças ou vontade para lutar para esta grande "mudança".

Junte-se a isto uma certa decepção com os meus últimos orientandos. No campo do clima urbano amarguei uma profunda decepção ante o fracasso de um trabalho em que eu depositava as melhores esperanças. Na USP cheguei a ultimar

vinte programas de pós-graduação. Neste semestre espero concluir o meu último programa na titulação de mais um doutor, a juntar-se aos 7 que com os 13 mestrados, farão o total de vinte e um. Número que é menor de um quarto daqueles que me procuraram e, malgrado meus esforços, acabaram desistindo.

Além de muitas outras razões que poderia apontar enfatizo aquela de que, tendo me dedicado do modo mais pleno a Geografia na Universidade, abster-me de fruir de muitas outras coisas no campo da cultura que, agora, pelo tempo que me restar de vida, acho que mereço aproveitá-las. Literatura, Artes e Filosofia seriam o campo de preferência que, se bem antigas, não tive tempo para dedicar-me a elas e fruir à medida de minha saciedade.

GEOSUL - Se este número de GEOSUL é um apêndice à despedida da climatologia ela encerrará a série? Parece faltar alguma coisa. E a propósito de "geosistemas"? Embora parece ter havido uma convergência universal para este conceito, sabemos que você, aqui no Brasil foi um dos primeiros a aderir a ele. Fale-nos a este respeito.

CAFM - Esta é uma longa estória que procurarei resumir aqui. Desde os meus tempos de Rio Claro, atuando na disciplina de Geografia Física, distribuída pelos três anos da formação, eu procurava ministrar no último ano algo que eu chamava "Geografia física integrada". Isto para, num dado espaço, promover a abordagem não só dos aspectos físicos ou materiais mas, sobretudo, a vinculação com os aspectos humanos. Lembro-me que usei duas regiões contrastantes. O planalto central brasileiro, pois a recente inauguração de Brasília, atraía interesse para lá, era seguido do Morrland sueco. Esta última, além de possibilitar uma visão de problemas glaciares e peri-glaciares (sempre fugidos temas que não interessavam de perto ao Brasil), servia a relacionar os movimentos eustáticos com o próprio povoamento, pois a oscilação da linha da costa era registrada historicamente.

Por intermédio de um dos nossos alunos, tomei conhecimento do famoso Relatório Belcher sobre a escolha do sítio da nova capital. É um documento importantíssimo que fornecia excelentes elementos geomorfológicos e mesmo biogeográficos os quais eu pude retrabalhar, promovendo, a meu gosto, elementos gráficos de representação. Em minha curta temporada na Universidade de Brasília (1966-67) onde ministrei a disciplina de Geomorfologia para futuros geólogos, retomei o experimento com o Belcher e preparei quadros murais desenhando a articulação das relações entre os diferentes elementos da paisagem.

Ao chegar ao Departamento de Geografia da USP em 1968 tomei conhecimento do famoso artigo do francês Bertrand sobre uma proposta de Géographie Physique Integral e o uso de "Geossistema". Ele era utilizado por Nelson de la Corte na disciplina Organização do Espaço Regional e por Olga Cruz em Geomorfologia Litorânea.

No Congresso Internacional de Geografia de Moscou, em 1976, fiz a excursão à Sibéria e, em Novosibirski conheci o trabalho de Sotchava (que não encontrei pessoalmente) e de volta a São Paulo escrevi àquele geógrafo soviético pedindo-lhe autorização para traduzir o seu artigo sobre O Estudo de Geossistemas e pedindo-lhe outros trabalhos. Recebi uma atenciosa resposta no original russo e com uma cópia em francês, a minha carta escrita em inglês. São coisas deste tipo que eu conservo nos meus arquivos.

Embora, como registrou Tricart, a proposta conceitual e metodológica de Sotchava seja muito confusa, a aplicação prática que é feita pelos geógrafos da equipe de Novosibirski, é muito interessante e clara. Os trabalhos de Snytko e Krauklis são muito proveitosos e eu os explorei satisfatoriamente. Deste último, que passou a enviar-me seus trabalhos, recebi recentemente um volume onde parece sistematizar os seus resultados aplicados à Sibéria. Infelizmente não conheço o idioma russo, mas a julgar pelas ilustrações trata-se de uma notável contribuição.

Como vocês mesmo perceberam houve uma convergência -

partindo de anseios variados, em vários países - para esta nova abordagem em Geografia Física. A meu ver ela é uma retomada de um esforço que sempre esteve presente na escola alemã de Geografia. De Troel a Klink. Há uma contribuição muito interessante originária da Universidade Martinho Lutero no Halle-Wiltemberg. Recebi do colega Schödenfelder os dois volumes do Simpósio "Landscape Synthesis" que dão conta dos últimos progressos naquele setor.

A adoção do paradigma do geossistema foi para mim tão importante quanto aquele do ritmo climático a partir da proposta de Sorre. Contudo, se eu trabalhei muito sob este segundo e nele desenvolvi uma estratégia pessoal de pesquisa escrevendo vários trabalhos, o primeiro não se encontra demonstrado em obra escrita.

O paradigma do "geossistema" foi, para mim, de grande proveito em dois setores. De um lado ele contém méritos altamente didáticos que foram sobejamente explorados em sala de aula. Aqui mesmo, ao ministrar a disciplina "Análise da Qualidade Ambiental" fiz uso dele. Não sei se o meu esforço frutificou. Malgrado meus esforços ele parece ainda correr o risco de confundir-se (sem razão) com o "ecossistema" dos biólogos. Seu conceito e uso, com perspectiva crítica, está longe de ser a receita-panaceia que alguns esperam. Ele deve ser visto, como paradigma, que é como conceito e referencial teórico - a aprimorar e aperfeiçoar pelo uso e crítica - e não como fato concreto a ser identificado no campo. É um meio de caracterização de paisagens ou unidades ambientais, tanto quanto possível, homogêneas.

Saído da sala de aula, esta concepção me foi sobremodo útil na aplicação prática ao planejamento. E eu o utilizei com grande proveito, em algumas ocasiões. No caso, da implantação urbana da Barcarena, no Pará, em companhia da colega e amiga Teresa Cardoso da Silva, na equipe do arquiteto Joaquim Guedes, talvez possa apontar um dos melhores exemplos. Com alunos de iniciação científica na USP, produzimos uma análise da qualidade ambiental na re-

gião de Ribeirão Preto, que representou um grande progresso em termos de avaliação crítica dos resultados dessa aplicação metodológica.

Como se vê, não poderia tratar-se neste caso, de uma "despedida" para "passar o bastão" aos outros que continuam. Mas, tenho um copioso acervo de experiências variadas e material gráfico. No último curso ministrado na pós-graduação (Mestrado em Geografia) em Belo Horizonte, aproveitei para desenhar uma série de ilustrações que foi bem acolhida pelos alunos.

Talvez eu possa - se houver tempo livre e julgar de alguma serventia - elaborar em torno desse material, aquilo que os franceses chamam de "mise-au-point". Se ficar conciso poderá dar um artigo. Mas o número de ilustrações talvez venham a torná-lo num opúsculo. Quem sabe? Talvez eu o realize.

GEOSUL - O que o impede de fazê-lo agora? Quais são os seus planos imediatos?

CAFM - Para os planos de trabalho que alimento talvez eu precisasse de muito mais anos do que eu possa dispor. Estudar. Escrever. Há muita coisa em cogitação. Mas no momento a prioridade número um é fazer uma longa viagem ao Piauí. Voltar às raízes, rever lugares, conhecer outros. Dalí saí aos dezoito anos e não posso dizer que conheça a minha terra. Pelo menos o quanto eu gostaria. Voltar com o coração aberto para matar saudades e exorcisar fantasmas. Tentar associar minha prática adulta na Geografia com o sentimento que me ficou da infância e adolescência. A busca do espaço perdido. O espaço do coração. Da terra natal: o Heimatland dos alemães. O tempo, este não deve ter sido perdido. Só me arrependo do que não pude fazer. Malgrado todas as agruras e dificuldades eu sinto que o tenho aproveitado ao máximo de minhas possibilidades. Não lamento um tempo que não foi perdido. Procuro reencontrar um espaço precioso do qual fui privado.

Bibliografia

- MONTEIRO, C.A. de Figueiredo. A Climatologia do Brasil ante a Renovação atual da Geografia: um depoimento. Métodos em Questão, nº 5-15pp. São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1973.
- _____. A Compreensão do Sistema Climático Regional do Nordeste Brasileiro - Uma proposta preliminar de Plano de. Pesquisa vinculado a um Programa de Estudo Ecológico da Caatinga. 40pp. datilografadas + 25 figuras - Inédito. Fortaleza: Academia Brasileira de Ciências - SUDENE, setembro de 1974.
- _____. Teoria e Clima Urbano. Série Teses e Monografias, nº 25 - 181pp. Ilustr. São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1976.
- _____. O Clima e a Organização do Espaço no Estado de São Paulo: Problemas e Perspectivas. Série Teses e Monografias, nº 28-54pp. Ilustr. São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1976.
- _____. A Geografia no Brasil (1934-1977) - Avaliação e Tendências. Série Teses e Monografias, nº 37 - 155pp. Ilustr. São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1980.
- _____. O Clima da Amazônia: Conhecimento Adquirido, Problemas e Perspectivas. Texto de 44pp. datilografadas, ilustrado com 8 figuras. Inédito. São Paulo, 1978.
- _____. Derivações Antropogênicas dos Geossistemas Terrestres no Brasil e Alterações Climáticas: perspectivas agrárias e urbanas ao problema da elaboração de modelos de avaliação. Anais do Simpósio "A Comunidade Vegetal como Unidade Biológica, Turística e Econômica". Publicação nº 14 da Acad. de Ciências do Estado de São Paulo, pp.43-74. São Paulo: ACIESP, 1978.
- _____. Environmental Problems in São Paulo Metropolitan Area: the role of urban climate with special focus on flooding. In: UGI Commission on Environmental Problems: Problems of the Environment in Urbanized Regions, pp.17-38 (Symposium of the UGI Commission on Environmental Problems, Tokyo - 1980). Moscow: UNESCO-UGI, 1984.

_____. Clima e Excepcionalismo: Conjecturas sobre o Desempenho da Atmosfera como fenômeno geográfico. Florianópolis: Ed. UFSC, 1991.

_____. A Dinâmica Climática e as chuvas no Estado de S. Paulo. São Paulo: Inst. de Geografia da USP, 1973.